



PORTE
PAGO

Quinzenário * 5 de Fevereiro de 1983 * Ano XXXIX — N.º 1015 — Preço 7\$50

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

POBRES

Os últimos dias, tem sido um corropio!

Um deles, de meia idade, vem por aí há vários meses, desde que um braço partido o imobilizou para o trabalho. Antes, porém, já o vinho era causa frequente de outras imobilizações; e, desde há muito, causa, também, de uma família desfeita. Não é fácil agora apurar se a causa se agudizou por si mesma, se pela falta de aconchego familiar. Neste mundo onde os desequilíbrios são moeda corrente, causas e efeitos muita vez se baralham de tal jeito que não somos capazes de desembaraçar a meada.

Certo é que o nosso homem vive mal, de sociedade com outro, doente do foro psíquico, num barraquão onde mal cabem os dois. O passadio tem sido fraco e irregular. Pouco apetite o temos constatado nas vezes que aí come. O emagrecimento a acentuar-se.

Esta semana apareceu-nos com um papel do Dispensário a dizer da doença que avança e abre sulcos nos pulmões. Fizemos-lhe ver a necessidade urgente de hospitalização. Concordeu. Voltámos ao Dispensário. Em quarenta e oito horas tudo se arranjou — oh! maravilha! Hoje era o dia de entrar no Sanatório. Há momentos, um telefonema chamou-me: Já não queria ir. Foi necessário recomençar a argumentação. Acabou por aceitá-la. Foi.

Vamos a ver como resiste às dificuldades de adaptação... Com certeza será mais fácil a cura dos pulmões do que a estabilização daquela alma perturbada.

Outro é um jovem, ainda na casa dos vinte, a quem um desastre prostrou, deformado e paralítico. Nada pode por si; e agora tem de poder olhar ainda por três crianças que antes assumira como suas — abandonados que foram todos pela mulher e mãe. «Eu não sou freira» — protestara ela, há tempo. Pois não, mas ia cumprindo... Agora cansou-se e desapareceu.

Tem-lhe valido uma irmã e senhoras vizinhas cuja abnegação é luz deslumbrante no meio daquelas trevas. Porém; elas não podem sempre nem tanto quanto ele precisa de assistência.

Ele tem mãe. Pensou-se nela

para vir ali viver com ele e cuidá-la. Mas ele sabe que a mulher não quer a mãe em casa, por semelhante experiência passada que, repetida agora, é confirmação de que o abandono, mesmo que interrompido por pequenas pausas, será a regra a esperar. E, como se ela tivesse ainda algum direito à casa e a um querer dentro dele — ele resiste à ideia que parece a solução do seu problema.

Misterioso e imprevisível o uso que fazemos desse dom maravilhoso que é a nossa liberdade!

Ainda outro caso é o de um velhinho há semanas com alta no hospital da terra, mas incapaz de ser restituído à solidão da barraca de onde veio em maré de emergência.

Perto, mora uma filha que se nega a recebê-lo. «Que também ele a abandonou quando era pequenina!» Da outra filha não se conhece o paradeiro. Sobrinhos... lavam as mãos como Pilatos. Todos têm as suas razões. O homem em questão terá as suas culpas. Quem não tem culpas neste mundo agreste que fazemos? Quem pensa no perdão de que precisa — condicionado pelo perdão que

se está disposto a dar? Se na justiça dos homens não há autoridade nem força legal para responsabilizar alguém num caso destes — onde mora a misericórdia?

Como me tenho lembrado das palavras de Pai Américo (infelizmente ainda não escutadas) acerca da imperfeição da assistência hospitalar enquanto não for completada, junto de cada hospital, por um pequenino «Calvário» onde o doente sem ninguém ou enjettato pelos do seu sangue, seja acolhido pela comunidade, libertando, sim, a cama que é necessária à recuperação de outros doentes, mas recebendo o trato e o carinho que, independentes dos seus merecimentos, lhe são devidos por exigência da sua e nossa condição humana, mormente no seio de uma sociedade enformada por valores cristãos!

Ou será que vivemos na selva?! Que somos todos Caim sem nada a ver com a vida dos irmãos?! Que a lei suprema da convivência entre os homens é o «olho por olho, dente por dente»? E todos nos tornamos cúmplices dela, se a sociedade

Cont. na 2.ª página



Se aos nossos mais pequeninos vier amanhã a faltar o pão, eles podem pedir-nos contas... Hoje ganham já direito ao seu futuro, trabalhando o pão com dignidade — mesmo a brincar...!

Partilhando

● Num domingo, à tarde, o Zé «Baleia» convida-me a dar um passeio pela cidade do Porto. Ele o meu cicerone. Descemos à Baixa e subimos à Sé. De lá vemos a paisagem feita de telhados escuros a descer para o rio. Descemos nós também. Passamos pelo Barredo... Por ali passou Pai Américo! Ali,

sente-se um ar de mistério, pesado para a nossa frágil humanidade. Ali, ainda há cubículos sombrios com a miséria de hoje pelo meio...

Descemos à Ribeira, à beirinha do rio. A nossa frente, que lindas vistas Deus nos dá! Pelas costas, que pesadelo acordado os Homens viveram e ainda vivem — que os homens fizeram e fazem!... Os homens.

● Há dias, ao pegar num matutino, fiquei impressionado com os títulos da primeira página. Mortes violentas e variadas... Tudo negro sem espaços claros para a vida! O mundo parecia morrer ali, caído aos pés dos que matam e se matam. Todos, vítimas!... Réus, não. A verdade da violência está aí! Ninguém assume a parte da responsabilidade. Desde o berço sem amor, e transformado depois em lar sem pão e educação, até ao fim da miséria humana, vai correndo o sangue da violência — a nosso lado.

Dar assim notícias de factos consumados, é fácil — e até prejudicial... Mas ir à fonte da Miséria, denunciá-la e travá-la — é tão difícil! Somos todos acusados. Réus!

● Naquele domingo, o almoço foi diferente. A mesa posta ao sol, ao lado do nosso

Cont. na 4.ª página

Cont. na 3.ª página

AQUI, LISBOA!

Em Setembro passado, enquanto procurávamos recompor-nos um pouco dos achaques ultimamente sofridos, tivemos ocasião de visitar, ainda que ao de leve, uma série de instituições assistenciais, todas elas privadas e entregues à direcção de Religiosos ou com conotação eclesial. De um Sacerdote doente e vivendo no meio de doentes, ele que foi um dos motores da Instituição onde reside habitualmente, ouvimos dizer que só com o espírito do Evangelho será possível manter-se tal tipo de trabalho. As Casas visitadas, desde as destinadas a mães solteiras às votadas a doentes profundos, da terceira idade, mais confinaram em nós a pertinência da observação atrás aludida. Sim, que isto de «dar o corpo ao mani-

festos», como diz o nosso bom Povo, não é para todos, sendo fácil, isso sim, de botar sentenças.

No ano transacto, na Casa do Gaiato do Tojal, tivemos duzentos pedidos de admissão de Rapazes, anotados ao longo dos dias. Sabemos que, nas outras Casas, as coisas se processam do mesmo modo. Andando a população da Obra à volta dos 600 a 650 jovens, quer isto significar que, num ano, se houvesse possibilidades, teríamos à nossa responsabilidade cerca de 1800 a 2000 crianças, evidenciando assim a necessidade da exis-

«Os Padres da Rua são, dentro da Obra, o toque espiritual das almas que lhe estão confiadas. Eles são por natureza o pai de famílias; o homem aflito, queimado interiormente e constantemente pelas necessárias vicissitudes da Obra, até ao desgaste final — a morte.» (Pai Américo).

tência de instituições das nossas ou similares, ao contrário daquilo que, inconsciente ou demagogicamente, insinuaram ou insinuam certos pseudo-profetas, paladinos do Estado Providência, que choram as misérias de subsídios ou ajudas que as instituições recebem oficialmente e que, no caso particular desta Casa nem sequer chegam para pagar a electricidade...

Sabemos que às instituições de solidariedade social só cabe um papel supletivo em relação ao do Estado. Que este

PELAS CASAS DO GAIATO

Paço de Sousa

DESPORTO — No dia 22 de Janeiro realizámos mais um encontro de futebol, com um grupo de amigos de Penafiel. O jogo decorreu com correcção, amizade e confraternização. No final, o resultado, como sempre, foi-nos favorável: 3-1.

As equipas que estejam dispostas a competir, escrevam para o Grupo Desportivo da Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel.

Participa no Desporto. É uma Festa!

VACARIA — Depois da remodelação efectuada, está agora mais funcional!

A vinda das cinco vacas holandesas, como se esperava, veio aumentar a produção de leite em nossa Casa.

Que bem nos sabe uma malga de leite ao pequeno almoço!...

VISITAS — Como, todos os anos, vem sendo habitual, recebemos a visita do grupo de Amigos da Rua Santa Catarina — Porto.

Estas visitas são sempre cheias de amor e dedicação e, por isso, as coisas que nos trazem são cada vez melhores.

Pelas 10 horas da manhã, tivemos um encontro de futebol que decorreu no melhor ambiente possível. Após a santa Missa, reunimo-nos ao ar livre, junto do nosso bar, onde já se encontravam as mesas postas, o que para nós foi um espanto, ver como aumenta, de ano para ano, o amor que sentem por nós.

Seguidamente, e até ao fim do dia, voltámos a estar reunidos, mas desta vez no salão de festas. Passámos um domingo bem alegre!

A todos nossos Amigos que nos visitam, desejamos muitas felicidades.

VIAGEM — Há bastante tempo que desejava conhecer as nossas Casas do Gaiato do Centro e Sul do País!

Fiquei encantado com tudo aquilo que os meus olhos puderam contemplar, e me fez reflectir mais um pouco em tudo o que o nosso querido Pai Américo realizou — com sangue, suor e lágrimas — e para conseguir tudo isto, que é sem dúvida um encanto aos olhos do mundo.

Da minha viagem muito teria para dizer; mas, na verdade, não consigo descrever tudo aquilo que contemplei! Levaria muito tempo e ocuparia muito espaço!

Carlos Alberto

Tojal

CONVIVIO — Há uns anos a esta parte que a paróquia de Queluz vem ao nosso encontro — passar um dia connosco. Dias como este são sempre motivo de grande alegria sobre vários aspectos: Ao longo dos anos o afecto tem crescido; quer dizer, sentem a Obra deles. E uma coisa res-

salta à vista: sempre que estes Amigos nos visitam, chegam com novas caras e, desta vez, veio muita gente de Belas, que não conhecíamos.

Entre as caras novas havia uma já bem nossa conhecida e, por sinal, tem feito um extraordinário trabalho: conseguido muitos assinantes do «Famoso» na zona em que reside. É o Firmiano, ex-gaiato e já avô.

Chegaram por volta das 11 horas. Reunimo-nos, então, na Capela onde começámos por preparar os cânticos para a celebração dominical que, como é hábito, principia às 12 horas. Terminada a celebração — depois de alimentada a alma — fomos alimentar o corpo. Sim! Já Pai Américo nos dizia — e continua a dizer: «Vale mais a alma do que o corpo».

Depois do almoço tomámos a bicicleta; fez-se a visita às instalações da Aldeia e realizámos o jogo da praxe, que decorreu da melhor forma — sem violência! A equipa visitada deu mais réplica ao longo do encontro e acabou por sair vencedora.

A todos os paroquianos de Queluz o nosso bem haja! Venham sempre que puderem, pois, bem o sabeis, «nós somos a porta aberta».

Neste dia estreámos, ainda, um novo equipamento no qual o Pedro — responsável pela actividade desportiva — se empenhou junto do casal ofertante, tendo sido convidado para almoçar connosco e assistir ao jogo inaugural. Mas, um telefonema de última hora dava conta de lhes ser impossível comparecer..., partilhando do êxito que fosse alcançado.

Pelo conhecimento que temos de tantos casos — que não importa referir — vós estais, assim, sempre presentes em nossas orações.

Bem haja!

Luis Eduardo

BEIRE

CONVIVIO — Tivemos, cá em Casa, um grupo de pessoas de Perafita (Matosinhos). Vieram fazer um espectáculo no salão do Calvário.

Foi uma rica tarde! Gostámos muito do espectáculo que fizeram. No fim, ofereceram mimos; foram umas lembranças, um coquinho com doces, e deu-nos muito gosto saborear aquilo tudo.

Muito obrigado. Esperamos que venham mais vezes, pois o nosso portão está sempre aberto.

OBRAS — A obra do nosso silo já está pronta; igualmente a meia-lua também, com os cubos postos. Agora está mais bonita. No silo já não há mais prejuízos!

A nossa cozinha dos porcos agora está dividida em duas. Fez-se uma divisão com uma parede e ficou uma cozinha para o fumeiro e a outra parte para os porcos ou para os vitelinhos.

AGRICULTURA — Ainda há palha no campo, mas temos andado a trazê-la para o gado. A poda continua: uns nas videiras, para termos bom vinho; outros nos pomares, para termos boa fruta, se Deus quiser, porque Ele é que manda

neste Mundo. Tem caído muita geada que prejudica as culturas. Temos que nos abatear com aquilo que Deus manda. Se manda chuva tem que ser chuva, etc.

Já fizemos a aguardente. Foi pouca, mas já dá para molhar a boca: apenas 10 litros. O nosso bagaço era pouco, porque metade do vinho foi ao ar devido à geada que caiu no mês de Maio.

O bocadinho de aguardente que temos já remedeia para todo o ano.

«Palhaço»

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

É Domingo. Pelos campos fora, uma *paragem* no tempo: o lavrador pouca a enxada, descansa. Temos o silêncio, quebrado pelo chilrear dos passarinhos e, mais longe, pelo silvo estridente das motorizadas, em caminhos onde o povo se junta no lazer, moços e moçoilas a conversar. Liturgicamente celebram-se as bodas de Caná. Maria interpela Jesus e... surge o primeiro grande sinal público da Sua divindade — na dignificação da Família!

Hoje, ao encontro de famílias pobres, levamos no coração a imagem de Caná! O coração é a força da vida... para compreensão da Vida.

Na moradia da Viúva — em fase adiantada — está um grande camião e um ror de povo: «O meu sobrinho arranhou esta areia e vieram todos ajudar...» A mulher, no entanto, vive uma grande ansiedade — que transparece na face: «Isto custa muito! Custa muito; mas vai, se Deus quiser. Todos ajudam!» E, por detrás da casa, sobem outras paredes: «Aqui, são os nossos arranjos: cozinha do forno; cortinha do porco; poiso das galinhas e da lenha. Somos muitos... Tenho de pôr a mesa todos os dias...» Quantas vezes sublinhámos, já, a devoção dos Auto-construtores pelo seu quintal, pela criação d'animais de capoeira — o complemento da mesa dos Pobres! É o porco. São as galinhas, os coelhos... E a mulher ocupada nesta vida sã, com alegria.

Fonte de riqueza não contabilizada a nível macro-económico, mas de transcendente valor a nível familiar — e nacional. Tanto pelo custo da alimentação — em época de inflação galopante descarregando em flecha sobre os Pobres — como, até, porque supre carências proteicas entre os Pobres. Fora do bulício, pousamos com discreção, na mão da Viúva, a última partilha d'algures. Suspira fundo um alívio d'alma com os olhos humedecidos d'alegria interior: «(...) Com'ê que podíamos chegar até aqui sem ajudas?! É tudo tão caro!...»

Mais abaixo, outra família. Veio do Alto Douro. Pousa nestas bandas, em tecto emprestado — que houve de desocupar. Situação dramática! Ir para onde, se casas não há? Única solução: o Património dos Pobres — reduzto dos sem-casa; até quando, não sabemos, que pouco ou nada se constrói para esta classe de gente. Não fossem alguns sem posses, com he-

roísmo, levantar o seu ninho — como os passarinhos — que seria!? O Património dos Pobres dá guarida a uma família das arribas do Douro, em pequeníssima moradia doada, em tempos, à fabriqueira. Já por lá passaram dois Pobres que Deus chamou. Um deles vivia num palheiro...! Ambos estão junto do Pai Celeste — e de Pai Américo. Entretanto, abordámos o mestre d'obras pelo valor da reparação: cozinha, tecto, retrete. Não sem elucidar a companheira do homem..., enquanto botamos os olhos pela roupa estendida, branca de neve, com o sol a espreitar no rico Vale do Sousa:

— O seu homem terá de ajudar o mestre d'obras...

— É um grande bem para nós...!

Não contamos a história desta gente. Melhor será guardá-la no peito. Aliviamos o sofrimento das vítimas indefesas — as crianças — para que diminua a legião delas que desfalece, todos os dias, pelo Mundo fora.

A propósito de crianças: Duas mães solteiras com problemas de abono de família. Uma delas tem já o caso arrumado. Custou...! Outra, em vias de solução. Que *paizinhos* difíceis! «Olhe q'ele não q'ria dizer o número da Caixa! Andei da perna. Ele tem obrigação: os filhos são dele, também. Aqui está o número. Escreva no papel...» O requerimento foi logo para o correio! Estas mulheres, que são mães por fraqueza, depois arcam com toda a responsabilidade. No entanto, em ambos os casos, além dum amor de crianças, os filhos são a menina dos seus olhos!

Que dizer de avós suprimido, na curva da vida, a orfandade dos netos!? «Sou eu que mudo as roupas, que trato da minha mulher, com doença grave, e ainda por cima...» — desabafa o nosso Amigo — tem de ser duas vezes pai de um bebé, seu neto, cuja mãe Deus levou. «Não tenho tempo pra nada!...»

Vem lá o pôr-do-sol! Que belo, em céu limpo, no cimo dos montes! Fica-nos a alma cheia, ainda que longe dos parâmetros de um qualquer artista que transpõe para a tela belezas da Criação!

Por fim, mão amiga leva-nos a uma família com outro *pôr-do-sol* em tristes horizontes de quatro paredes toscas, vinte e quatro horas por dia na penumbra! A mulher está de cama; porém, a moradia diz bem de si... Desabafa: «Ele (o marido) chega do vinho a qualquer hora. Bate nas mesas. Liga o rádio nas alturas. Não trabalha! À noite, não podemos dormir! Uma vida muito dura — a minha e a dos meus!» E é! Entretanto, o homem volta ao hospital — por mão d'amigos. Recambiaram-no! Só resta abordar, de novo, os Serviços que aconselharam a urgência. Nesta dança temos uma família prostrada e um doente por tratar!

PARTILHA — «Oferta para os Pobres», da Rua D. Nuno Álvares Pereira — Póvoa de Santo Adrião. Um cheque, muito valioso, da Rua do Pinheiro Manso, pela mão de um grande Amigo. No Espelho da Moda, a assinante 28387 entrega donativo «para o Natal de uma família pobre».

Aborda-nos agora mesmo a mãe de 8 filhos, cujo marido tem uma grave doença nos olhos e anda em tratamento há mais de um ano. Os olhos dela..., e a face, marcam o drama da família — dos filhos! «A gente quer... e não temos pra dar! É muito triste a nossa vida!...»

Mais 1.000\$00 «de duas Amigas recentemente falecidas. Sobraram uns dinheirinhos, depois de pagarmos os funerais e algumas santas Missas de sufrágio».

Barcelos: 2.500\$00 para serem aplicados em «qualquer caso mais necessário. Se me fosse possível — continua ela — muito daria; mas, vivi sempre com pouco dinheiro, o que não me permite dar largas aos desejos de bem-fazer do meu coração».

Parede: «Migalhinhas para alguma ajuda por alma de minha querida irmã» — 3.000\$00. Coimbra: «Mil escudos para uma telha das famílias mais necessitadas».

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

POBRES

Cont. da 1.ª página

não responder eficazmente a problemas fundamentais como este, preenchendo por suas Instituições — se não tem capacidade para determinar os responsáveis e direito estabelecido para os obrigar a preencher os vazios abertos pelas omissões e mesquinhez dos homens!

«Profunditas est homo et cor eius abyssus» — rezava um salmo desta manhã. É verdade! A alma humana tem funduras que o homem não atinge — nem cada um as suas! O seu coração é um abismo que confunde e assusta — mesmo a cada um o seu próprio coração!

Só Deus é a profundidade sem fim do amor. Só o Seu

Coração é abismo de misericórdia em que o homem se pode lançar sem medo. Só quem n'Ele crê e por Ele julga, e se julga, pode saborear a doçura da confiança e experimentar a alegria de viver, apesar das contradições da vida aqui e sempre enquanto aqui.

Por isso o Salmista termina este seu cântico aflito com a afirmação esplêndida da certeza que já o possui, mas que — bem o sabe — só depois de aqui se consumará em eterna perfeição: «O justo alegrar-se-á no Senhor, a sua Esperança; e partilharão da Sua glória todos os que têm um coração recto».

Padre Carlos

Novos Assinantes de «O GAIATO»

É uma procissão cheia! Vamos sublinhar alguns apontamentos com o relevo que merecem:

Pela mão do pároco, Vieira do Minho desce a Paço de Sousa com quarenta novos assinantes daquela região minhota! Uma acção que, em boa ortodoxia conciliar, transpõe os limites da comunidade pela Igreja Universal — Serva e Pobre.

Muitos leigos vinculados a movimentos de Igreja nunca dispensaram O GAIATO. Mais e melhor: com a paixão dos Apóstolos difundem o «Famoso» em todo o lado, como este Casal lisboeta no turbilhão da capital:

«Eu e meu marido pertencemos a uma Equipa de Casais de Nossa Senhora. A nossa Equipa pertencem seis casais

e vimos agora propô-los para serem também assinantes de O GAIATO.»

A mensagem de O GAIATO, porém, é extensiva a todos os homens e mulheres de boa vontade. Aqui está:

«Tem esta carta a intenção de pedir que me aceitem como assinante do vosso jornal.

Sou pobre; por isso, as minhas dádivas serão modestas, com certeza, mas do fundo do coração.

Não sou religiosa, mas penso que isso não altera de alguma maneira a minha sensibilidade para com a necessidade alheia.

Por outro lado — e sem o conhecer — parece-me que o trabalho da Obra da Rua é digno e de muito valor.»

Que dizer da acção — fomos a dizer paixão — de um bom Amigo que motivou, para O GAIATO, mais 22 companheiros de trabalho na conceituada empresa onde todos labutam, no Monte da Caparica!

Outra carta d'algures traz Fogo! Esta nossa Amiga leva o «Famoso» aos que «não conhecem bem» (o sublinhado é nosso) a Obra da Rua. Ei-la:

«Sou funcionária no Tribunal de... E para que o meu Natal seja igualmente feliz, fui a todas as mesas dos meus colegas lembrar que gostava participassem no vosso Natal. Todos colaboraram!

Para estes três organismos (Tribunal Judicial, do Trabalho e de Instrução Criminal) agradeço que mandem o vosso (nosso) jornal, para que aqueles que não conhecem bem a Obra do Padre Américo fiquem a conhecer...»

Para as almas não conta a distância! Mesmo além fronteiras, a dinâmica da procissão é viva e operante. Presença de Ontário:

«É verdade! Muito atrasado vos escrevo. Mas, sinceramente, direi que jamais foram esquecidos da minha parte.

A Obra da Rua é grande e jamais poderá ser esquecida pelos que sentem no coração o calor humano e as desigualdades de que a nossa sociedade sofre.

Envio as direcções de dois novos assinantes...

É tudo. E que a Obra da Rua prossiga com a ajuda de Deus.»

Seja da região de Lisboa ou

do Porto, cada vez há mais leitores que optam pela sua inscrição na Família de Assinantes de O GAIATO, dado que nem sempre topam, na rua, os pequenos distribuidores do «Famoso». Uma «leitória assídua», da Senhora da Hora, fala por todos:

«Nem sempre encontro um dos vossos rapazes! Por isso, peço que me tomem como nova assinante a partir de 1 de Janeiro. Envio já o dinheiro para um ano. O resto é uma migalhinha, pois sou viúva e vivo de um pequeno negócio.»

Mas vem lá também um Comandante (que foi) da DTA — Angola na mesma «fila, pois — como diz — nem sempre encontro os rapazes com o glorioso à venda na capital; e, assim, como assinante, recebo-o certo.» Aliás, o nosso Padre Luiz já acentuou que — em defesa dos nossos rapazes — a venda avulsa do «Famoso» está, agora, circunscrita só a alguns templos de Lisboa.

Temos ainda, na procissão, um grupo de lisboetas e tripeiros que «por acaso» — como afirmam — tomaram na rua o gosto pelo jornal e «após a leitura, decidi(mo-nos) pela assinatura». Aparecem muitos, com assiduidade!

O espaço não dá para mais! Vamos botar os olhos pelo mapa de Portugal e assinalar a procedência dos novos leitores. Terras há — diga-se em abono da verdade — que marcam presença em grupo, de mãos dadas, com alegria — e de alma cheia, a tresvasar! Eis o grosso da procissão: Porto e Lisboa uma data deles. Mais Vila Nova de Gaia, Setúbal, Loures, Gouveia, Paços de Ferreira, Rio Tinto, Campo (Valongo), Mirandela, Valbom (Gondomar), Mezio (Castro Daire), Paredes, Seixal, Madalena (Gaia), Sacavém, Torres Vedras, Arcos de Valdevez, Covilhã, Leiria, Almada, Vendas Novas, Silves, Ponte de Sor, Esgueira (Aveiro), Fátima, Ermesinde, Jazente (Amarante), Sertã, Miranda do Corvo, Canidelo (Gaia), Póvoa de Varzim, Espinho, Vila Nova de Ourém, Caxarias, Vouzela, Bregos do Assa (Setúbal), Aveiro, Oeiras, Outeiro, Portimão, Castelo Branco, Gondomar, Amadora, Cristelo (Paredes), Benedita, Viseu, S. Pedro da Cova, Fânzeres (Gondomar), S. João do Estoril, Parede, Paço de Arcos, Forcalhos e Salamanca (Espanha).

Júlio Mendes

PARTILHANDO

Cont. da 1.ª página

bar, estava cheia de petiscos que os nossos amigos trabalhadores do Comércio da Rua Santa Catarina, do Porto, trouxeram para confraternizar conosco. Há vinte anos que assim fazem e cada vez com mais requinte e amizade! Um dia diferente!...

Mas uma coisa aconteceu, no meio do almoço, que fez aquele dia ainda mais diferente. Ninguém deu por isso! O Anfbal é que mo revelou: «Eu e mais alguns demos do nosso almoço a um mocinho de fora que o pai expulsou de casa...» E não pediram licença a ninguém, que eu saiba! Para eles, conhecedores ao vivo de tais situações, não há dramatismos falsos em ocasiões destas. De expulsões, maus tratos e miséria está o seu passado cheio. Por isso, compreendem e matam a fome àquele «mocinho» que, para eles e naquela circunstância, a figura humana desse rapaz ao abandono não é um «gajo» ou um «tipo». A sensibilidade de expressão tem a ver com o coração — «mocinho».

O Anfbal faz hoje anos. Ainda da parte de manhã vem lembrar à senhora o aniversário e, com certeza, para não esquecer o pratinho com os doces do festivo. Ora, eu disse que era cedo demais para vir lembrar. Oh, palavra que eu disse! Começou a querer chorar... «Obriga-me» a dar-lhe logo um abraço especial de parabéns! Foi o que mereceu (ou não...).

Enfim, se eu tivesse estado calado — faria melhor figura...! No dia seguinte, Anfbal vem ter comigo — com outros pares: «A senhora disse que só faço anos pro mês que vem!»

Que seria de nós, se a nossa «desorganização organizada» não funcionasse bem!...

Padre Moura

Ovar 5.000\$. De algures, 20 contos, sendo dez pro Calvário. 5.000\$ de Espinho. Mais 5.000\$ de anónimo. E a «cartuchada» que trazemos do Espelho da Moda, sempre que por lá passamos. E o que entregam à porta do Lar do Porto. E o muito mais que aqui não lês, mas chegou. E cheque de 100 contos: «Recordando S. Francisco de Assis, desejo, deste modo, contribuir para que os homens estejam um pouco menos sós».

Duma empregada doméstica, o primeiro dinheiro da sua reforma: 4.500\$. Braga, 1.000\$. S. Mamede de Infesta, 1.500\$. Rua D. Francisco de Almeida, 20 contos em cheque. 1.000\$ de Lisboa. 1.500\$ por alma de José Simões Calado. 1.000\$ de Maria Laura. 500\$ de Odivelas. Colégio de Nossa Senhora da Paz, 2.000\$. Fernanda, 1.000\$ «para o bolo-rei». Mais 1.000\$ da Amadora. Da Rua Carlos Malheiro Dias, 1.500\$. Santarém, 3.000\$. De António Santos Barbosa, L.da, cheque de 5 contos. 1.000\$ de Emília. Outros 1.000\$ da Póvoa de Varzim. 2.000\$ de Ivone. 400\$ do ass. 33028. E 500\$ de Elvira. 20 contos do Porto. Presenças da «mãe que crê em Deus»: 1.000\$ e 200\$.

Da Maconde, 12 caixas com diversas peças de vestuário. 4.000\$ da Rua S. Domingos. 16.217\$ da ass. 17022, de Santarém. 3.000\$ de Gondomar. 2.000\$ do Porto. Cheque de 50 contos, de Faro. Mais 3.000\$ de Setúbal. 1.200\$ da capital. 2.000\$ dum Padre amigo, de Gondomar. 500\$ duma Enfermeira. 600\$ da Criada Maria. 3.000\$ de Sobral do Parelhão. 1.500\$ da ass. 9589. Calçada da

Do que nós necessitamos

Estrela, 6 contos. 500\$ de Teixoso. 1.000\$ da Rua Brito Capelo. Lamego, cheque de 20 contos. Em memória de Maria Gomes da Silva e Laura Gomes da Silva, 11.000\$ da Póvoa de Varzim. Pela passagem do 60.º aniversário de Polónio Basto & C.ª L.da, cheque de 1.500\$. 2.000\$, do Porto, acompanhados deste cartão: «Estava p'ra ser garrafa de whisky e acabou em renúncia que conforta!...»

Cheque de 14.000\$, em cumprimento de um voto que deu origem a um rápido primeiro emprego. 4.000\$ do Porto. 500\$ — migalha de amor, de Maria Adelaide. 1.500\$ de Celorico de Basto. 1.000\$ do sul. Igual quantia do Porto. Vale de Alcains: 5.000\$. 6.000\$ das Caldas da Rainha. 500\$ de Maria Amélia. 500\$ da capital. 15.000\$ cruzeiros de Cristina. 1.000\$ de Lucinda. Dum Colégio de Santo Tirso: vestuário, guloseimas, brinquedos, dinheiro e muito interesse e amor pela nossa Obra. 5.000\$ da Rua de Vila Cova. Vale de Mozelos: 7.000\$. 500\$ da Damaia. 1.500\$ dos arredores. Ass. 22890, 2.500\$. Carvalhosas, 500\$ de António Canas. 12 contos de Queluz. Heitor Fernando Carrilho dos Santos, L.da, cheque de 5.000\$.

Das costureiras do Hospital de Santo António, com muita amizade e carinho, 7.600\$. Anónimo de Alvito, 5.000\$. De Augusto de Oliveira Pais & C.ª, cheque de 2.500\$. Fafe, «Entardecer» com 10.000\$. Anóni-

mo com 30 contos. 5.000\$ da Farmácia Costa Gomes. 1.000\$ do Porto. Fernanda, 3.000\$. Primeiro ordenado do primeiro emprego, 13.000\$. Anónima de Coimbra, 500\$. Por alma de Capitolina, 500\$ da Junta de Freguesia de S. Mamede de Infesta. 4.500\$ de Vila Real. 3.798\$70 da ass. 13.861. Mais 500\$ do Porto. 1.000\$ da capital. 100\$ de Paio Pires. Cantanhede, 500\$ de «Ele e Ela». Molelos — Tondela, cheque de 25.000\$. 500\$ de Coimbra. Uma anónima de Braga, em sufrágio de seu irmão Henrique, 5.000\$. Maria Júlia, 10.500\$. Fafe, 2.000\$. António Abrantes Graça, de Águeda, 1.000\$

Da filha dum nosso Amigo que Deus tem e muito gostava de crianças, um quilo de rebuçados e cheque de 20 contos. 1.000\$ da Amadora. 12.000\$ de Abrantes. 2.000\$ de Moura. 1.000\$ de Pombal. 900\$ da Rua Gonçalves Crespo. 1.000\$ de Gondomar. 500\$ de anónima. Cheque de 1.500\$, de Carnaxide. 1.000\$ de Alijó. E 100\$ duma pobre e doente, pedindo orações. Brejos da Moita, 1.000\$ de Leonor. 3 contos da capital. Maria Rosa, 1.000\$. Um par de brincos e 2.000\$, de Idanha a Nova. 6.300\$ do Porto. 1.000\$ de Freixeda do Torrão. 6.000\$ de Vila Real de Santo António. Isabel, 1.000\$. Porto de Mós, vale de 3.000\$. 6.070\$ do Pessoal da Fábrica Elgui.

Cotização entre família, de Retorta (Vila do Conde), rendeu 1.360\$. Pároco de Espinho,

cheque de 4.500\$. 1.000\$ de António Abrantes da Graça, de Águeda. 15.000\$ de algures. 1.000\$ do Porto e 1.000\$ do Barreiro. Teixoso, cheque de 20.000\$. 5.000\$ da Rua David de Sousa. 1.000\$ de Valada. 2.000\$ da capital. Anónima da Rua Monte dos Burgos, 2.500\$. Igual quantia do sul. 500\$ de Cascais. 6.000\$ de algures. Condeixa, cheque de 20 contos. 5.000\$ de Lordelo — Douro. 30.000\$ de Rio Tinto. Ass. 5425, 5.000\$. Elvira, 300\$ para as rabanadas. 500\$ de Valongo. Casal anónimo, dos Carvalhos, cheque de 20 contos. 1.000\$ de Lisboa. 2.500\$ de Emília. 10.000\$ de Duas Igrejas. 500\$ da Póvoa de Varzim, entregues por pessoa amiga de Paço de Sousa. 200\$ de Espinho. 1.000\$ da capital. 1.500\$ de Albino dos Santos Araújo & C.ª, L.da. Dos Técnicos de Vendas da Ambar — Sector Porto, 900\$. Destes Amigos precisamos duma «cunha»: Gastamos muito material escolar. Se as portas da Empresa se abrissem e nos fornecessem o material ao preço de fábrica? Que boa ajuda seria!

Agora, passa um grupo de Amigos que aparecem todos os meses: Av. João XXI, cheque de 5.000\$. Nova Oeiras, 1.500\$. Setúbal, 2.500\$. Avintes, os 50\$ de sempre. Mais 5.000\$ que chegam de Vila Real. 500\$ de Oliveira de Azeméis. Fundação, 800\$. Afonso & Sousa, L.da 1.000\$. Armandina, 5.000\$.

Cont. na 4.ª página

NOTAS DA QUINZENA

● Foi há três dias. No cimo da avenida da nossa Aldeia vi surgir uma irmã do Bom Pastor, uma senhora e dois rapazes que, pelo aspecto, senti marcados. Deram comigo e a irmã foi directa ao assunto: «Encontrámo-los a dormir numa obra, só com uma manta. A avó é cega e a tia não os quer em casa. Sua mãe morreu há quinze dias e já não tem pai».

Um tem 11 anos e outro, 13. Nunca foram à Escola. Se lá na freguesia aparece um buraco na rua, cai o Carmo; e se um partido rasga um cartaz de propaganda a outro partido, cai a Trindade. Mas dois filhos do bairro crescerem alfabetos... passa nas nossas malhas de alpaca sem ninguém dar por tal.

Logo no primeiro dia quise-ram trabalhar! Um deles pediu para ir para a vacaria e logo na primeira hora ia virando um vitelinho ao avesso, julgando que era um brinquedo de plástico! Será a partir deste vitelinho que irá descobrir coisas belas e maravilhosas!

● A senhora professora daquele bairro tinha-me pedido para ir ver os pequenos e falar com a mãe. Esta apareceu e começou: «Eles fogem da Escola. Um já se drogou. O

pai abandonou-nos e vive com outra mulher. Sou obrigada a trabalhar, de noite, numa boite, para os sustentar. Tenho mais duas meninas». O coração começou a fugir-me para a barafunda desta vida... É pena ter de medir, sabendo, embora, que é tão difícil a medida certa.

Eis as meças: Se tiro os pequenos à mãe, nem por isso deixará a boite. Ficará mais livre para outro marido e outros filhos. A lei, que obrigaria o pai a sustentar os filhos, está longe e perde-se na confusão da papelada e labirintos das salas dos Palácios da Justiça. Descobri, em toda a conversa, que esta mãe tem muito amor aos filhos e não tem pejo de transformar o seu corpo no seu leite!

Que pena se, um dia, estes filhos lançados na e pela sociedade de consumo, não tiverem coragem de afagar as rugas gastas e cansadas do rosto desta mãe!

● Criou os filhos com tanta ternura! Por eles se sacrificou numa luta quotidiana, esquecida totalmente de si, ocultando as lágrimas e as dívidas — para que eles fossem, sorrissem e se sentissem felizes.

Um casou na cidade e sua

casa é pequena. Outro, emigrou. Uma filha casou muito bem, mas o marido não quer a sogra em casa. E a simpática velhinha está num Lar de Terceira Idade. Suas companheiras de quarto vieram doutro planeta. As paredes são frias. Seus olhos estão vazios. As lágrimas secaram!

● Na barafunda da urgência do hospital entrou um velhinho. O filho deu os nomes e que o pai estava muito mal. Foi internado. Depois de três dias não recuperou o entendimento. O hospital entregou-o

numa instituição da Igreja porque o filho deu uma direcção que não existe. Não vai faltar-lhe roupa e alimento. Mas morrerá sem uma flor, sem um aconchego filial e sem um beijo!

● Frutos do nosso tempo, que nos impõe o limite de espaço, nos escraviza ao consumismo e, também, frutos do nosso egoísmo — os Lares da Terceira Idade cavam ainda mais fundo o fosso entre as gerações. São bem o sinal da nossa decadência e insensibilidade. Deserto nascido do nosso

ter e organização. Fontes sem água! Plantas sem flores!

O que mais me choca quando os visito é o olhar vago dos idosos... Por mais que perscrute não descubro um sentido.

Parece que todos concordamos e dizemos: «Tem que ser assim».

Não! E não! Acordemos para o amor. Que nunca falte, se possível, no lar de cada um, o espaço dos pais! **Sobretudo** não falte em nossos corações o amor que lhes devemos.

Padre Telmo

Cont. da 1.ª página

assuma as suas responsabilidades. Mas ninguém tenha ilusões, o Estado está cada vez mais longe de acudir às necessidades dos nossos dias em matéria assistencial e não só. Se, por hipotética desgraça, acabassem as instituições privadas, nomeadamente as da Igreja, o que seria deste País? Agora, ter-se o desplante de afirmar que as autoridades estão a «privilegiar» a **expensas dos trabalhadores** (o sublinhado é nosso) as instituições privadas de segurança social denota não só má fé como crassa e suprema ignorância da realidade, para lá da injustiça de bradar aos céus.

Não é, como nunca foi nem será, por falta de recursos materiais que a Obra se deixou de expandir. Quintas e propriedades todos os anos têm sido rejeitadas. O que nos falta, isso sim, é gente. Aparecessem vocações sacerdotais e de leigos de ambos os sexos, fácil-

Aqui, Lisboa!

mente cobriríamos o País inteiro com as Casas indispensáveis; não só para jovens como para doentes. Pela estrutura própria, procurando viver do trabalho dos seus, e ajudada pela generosidade do Povo, a Obra está em condições de sobreviver, com custos incomparavelmente menores de tudo aquilo que é estatal. Com deficiências, certamente, mas com garra e empenhamento por parte daqueles que a servem na primeira linha, sem retribuições de qualquer espécie e, muito menos, de reivindicações desajustadas e sem sentido. Pensamos, sem receio de qualquer contestação, que se há trabalhadores que trabalham nesta Terra somos nós e as Senhoras que conosco colaboram. O mesmo se diga de outros, consagrados ou não, que por esse Portugal fora se entregam de alma e coração ao serviço do Próximo.

Infelizmente, na Obra, embora não seja caso para perder a esperança, somos poucos e já gastos. Em Beire, com os Rapazes e os Doentes do Calvário, está o Padre Baptista; em Paço de Sousa, sede da Obra, encontram-se os Padres Telmo, Moura e Abel; em Miranda do Corvo vive o Padre Horácio; em Setúbal são responsáveis os Padres Acílio e Carlos; aqui, no Tojal, encontramos-nos nós. São apenas e só 8 sacerdotes. Com as Senhoras sucede o

mesmo: há poucas e a maioria ultrapassa o limite de forças. É uma panorâmica pouco riso-nha, humanamente falando, mas, repetimos, não há lugar para a perda de esperança. Estamos certos que, para lá de todas as vicissitudes, aparecerão na altura própria outros continuadores, incondicionais, dispostos a dar a vida sem quaisquer reticências. É caso para perguntar se neste Mundo de contradições, onde tanto se fala de trabalhadores e tão pouco se faz, não haverá gente disposta a pôr a carga e a puxar o carro do serviço do Próximo.

A partir da quinzena passada terminou a venda de O GAIATO nas ruas de Lisboa e nos escritórios ou companhias, tal como havíamos anunciado.

Aproveitamos a oportunidade para reiterar o já dito: as pessoas que gostam de ler o jornal podem fazer-se assinantes e enviar a respectiva assinatura para as direcções abaixo assinaladas. Sejam: Casa do Gaiato de Lisboa, Santo Antão do Tojal, 2670 Loures; Lar do Gaiato de Lisboa, R. Ricardo, Espírito Santo, 8, r/c, Dto, 1200 Lisboa; Maison Louvre, Rossio, 106; Franco Gravador, R. da Vitória, 48; Secretaria do Montepio Geral, R. do Carmo, 62.

Padre Luiz

Do que nós necessitamos

Cont. da 3.ª página

Leiria, 2.500\$. Monte Estoril, assinante com 300\$ e 200\$. Fiães, 1.000\$ mais 2.000\$. Rua do Almada, 4.000\$. Angelina e Raquelina, os 150\$ habituais. 1.000\$ de Portalegre. E os 250\$ mensais em selos de correio, da Amadora.

Para ajuda das despesas escolares, 5.000\$ de algures. Ovar, vale de 6.000\$. Coleta da peregrinação de Alvaizere a Fátima, 2.750\$. Camisola e donativo em dinheiro, de Lisboa. 5.000\$ de Nogueira da Maia.

Manuel Pinto



Tiragem média por edição no mês de Janeiro: 50.060 exemplares.

TRIBUNA DE COIMBRA

«O Menino Jesus foi muito nosso amigo; trouxe prendas para todos!» Esta foi a voz corrente, em nossa Casa, neste Natal de 1982.

A melhor prenda foi a grande festa de família. Vieram muitos e alguns de muito longe. Vieram de Lisboa com vales mensais e doutros modos; vieram dum restaurante e outros sítios da Figueira da Foz; vieram, de Mação, avó e netos; de Alpedrinha; de Condeixa; de Figueiró dos Vinhos; da Sertã; da Lousã vieram muitos; de Pombal do mesmo modo; de Vilar Formoso todos os meses; de Vila Nova de Famalicão; do Luso muita gente; do Porto, onde temos muitos que criámos nesta Casa e outros Amigos; da Covilhã também costumamos ter muitos presentes; do Fundão também alguns.

Vieram de Penela; de Mira; da Pereira «uma Amiga das crianças»; de Vila Mar; muitos de Leiria; de Quiaios; de S. Martinho; de Casais do Campo; das Meãs do Campo; da Carapinheira; da Mealhada; de Pereira do Campo; de Torre de Vale de Todos; de Febres; de São Romão; de Serpins; de Trancoso; de Assafarge; de Unhais da Serra; de Cebolais

de Cima; de Elvas; da Cruz Quebrada; de Nelas; de Taveiro; de Arganil.

Veio uma grande prenda em cheque da Nazaré e Amigos da mesma terra consolam-nos com peixe, quando o têm; de Caldas da Rainha; das Vendas de Galizes; de Gramaços, dos primeiros a dar a mão a Pai Américo; de Monte Real; muitos de Castelo Branco; de Avelar; de Castanheira de Pera; de Aveiro; de Santa Cita; de Odivelas; da Amadora; de S. Jorge da Batalha; da Senhora da Hora (Matosinhos); da Tocha; muitos de Cantanhede; da Marinha Grande; de Viseu; de Câmara de Lobos (Madeira); de S. Paulo (Brasil); da Bélgica; da Alemanha.

O forte da família está em Coimbra. É o ninho. Têm obrigação de estar mais comprometidos e mais presentes. Estão a tomar mais consciência do seu compromisso. A Casa do Castelo, na Sofia, todos os dias vai alguém. Para o nosso Lar, aos Lóios, muitos já aprenderam o caminho e o têm calçado com muitos carinhos.

Em muitas casas comerciais e outras somos sempre conhecidos. Nas ruas aparece sempre alguém que estende a mão

com alegria do encontro. A porta das igrejas há sempre alguém que dá conta da nossa presença.

Em Miranda do Corvo, jardim onde cultivamos estas flores, aparecem grupos e muitos Amigos. É sempre com alegria que os vemos chegar. O correio vem cinco dias por semana. Da vila também sentimos o calor da amizade. As nossas oficinas são terreno de cultura de pão, ao lado da quinta.

Das prendas de pão que mais saboreamos são os envelopes recolhidos pelos militares. Agora foi em toda a região do Centro. A alegria de quem vem trazer. Os embrulhos muito bem feitos. A delicadeza no preparar tudo.

O Natal que muitas crianças, e alguns Colégios de Coimbra, prepararam para os gaiatos foi consolador. Brinquedos para todos. Roupas tão lindas e tão variadas. Envelopes com dinheiro. Beijinhos aos outros meninos. O Menino Jesus a fazer a união entre os homens para que todos sejam irmãos.

Entendemos nós assim o Natal de Jesus Cristo?

Padre Horácio